

# Na Avenida dos Vulcões

A 50 km de Quito, o Cotopaxi é um dos vulcões ativos mais altos do mundo. A beleza e a força do gigante, que já destruiu uma cidade inteira, inspiram lendas e provocam deslumbramento. A vista do cume, perenemente nevado, a 5.897 metros de altitude é almejada por muitos, mas a conquista exige força de vontade e muito fôlego



**N**o alto do vulcão, a atmosfera era de contemplação. Após 6 horas de subida extenuante, a partir do refúgio, madrugada adentro, alcançávamos o topo da montanha. A paisagem, dissimulada, escondia-se sob um grande tapete de nuvens, rompido apenas por pontas rochosas ou ameaçadores cumes nevados, rasgando a faixa branca em direção ao céu. As pernas cansadas e a dor de cabeça não tiravam a sensação da conquista. A cratera de 600 metros de diâmetro, que se expunha como um grande buraco negro, expelindo uma lívida fumaçola de enxofre, e o vento, impetuoso, nos traziam a sensação de liberdade.

**A conquista** - Horas antes, precisamente à meia-noite, acordamos e começamos a arrumar as provisões para a ascensão do lendário Cotopaxi, que, desde os primórdios, alimenta os mitos, ilustra e compõe a história do Equador. Checamos os grampons, piquetas, polainas de neve e as cadeirinhas de escalada, itens fundamentais para a ascensão em gelo. Encordados, seguimos um a um a montanha acima, sob uma névoa branca, hostil e ameaçadora. A umidade implacável se transformava em cristais de gelo e acumulava-se na parte exposta do rosto e nos cílios, dificultando a visão naquela imensidão gelada. As lanternas frontais (de cabeça) iluminavam a rota e o silêncio era rompido pelo som contínuo dos grampons e piquetas sulcando o gelo, que marcavam o ritmo do grupo numa repetição cadenciada e hipnótica. A subida nessa montanha deve ser iniciada nas primeiras horas da noite, pois a neve está mais firme, portanto, em melhores condições para transpor gretas, além de mais compacta, evitando, assim, o desprendimento de placas e uma possível avalanche.

Exaustos pela rampa interminável, rompemos as nuvens e a atmosfera brumosa deu espaço ao céu salpicado de estrelas. Os últimos 200 metros antes do cume foram vencidos em pouco mais de uma hora serpenteando em ziguezagues contínuos, quando o ar faltava nos pulmões. O cume surgiu com o dia. Ao amanhecer, avistamos o tão almejado destino. O mal-estar causado pelo ar rarefeito naquelas alturas conflitava com a experiência efêmera, única e irreproduzível.

A cada ano, centenas de pessoas se arriscam em busca de aventura e da imensidão propiciada pela vista do cume, mas o sucesso nessa empreitada não é tão comum. Segundo Efrain, nosso guia, apenas cerca de 30% dos turistas conclui a escalada. Apesar de não ser uma subida técnica, é raro uma temporada sem acidentes fatais. A aparente placidez na imensidão branca, inerte, esculpida pelo vento, esconde traiçoeiras gretas, que, na falta do conhecimento de um guia experiente e uso correto da corda, podem sorver uma pessoa para a morte certa. Os edemas pulmonares e cerebrais são as principais causas de falecimento na montanha, determinados pela altitude e potencializados pelas infindas ladeiras que compõem esse vulcão de formas perfeitas, com seus 5.897 m. Avalanches, apesar de raras, também já soterraram alguns montanhistas desprevenidos nessa rota. Devido aos riscos, força de vontade e um bom preparo físico são fundamentais para se atingir o objetivo final.

Apesar disso, há muitos motivos para incluir a região no grupo dos destinos favoritos dos aventureiros. Em nossa escalada, em meio à paisagem insólita, fomos agraciados com visuais surpreendentes, como a laguna de Quilotoa, uma admirável



Pis andreet loborn soais  
nullum vermit accum  
zariiluptat, vel dit

Pis endreet loborti ssis nullum  
vercint accu. Pis endreet lobort  
ssis nullum vercint accu zrrilluptat,  
vel dit zrrilluptat, vel dit



cratera vulcânica, como uma grande vala rodeada por penhascos vertiginosos com um misterioso lago verde-esmeralda no seu interior. Ele possui uma coloração tão viva e intensa que nos fazia duvidar da sua real existência. Descemos costeando o barranco, até atingir aquele oásis de cor irresistível. Para subir, no entanto, é preciso muito fôlego, pois os 400 metros de desnível abrupto, a uma altitude de 4.200 metros, não é tarefa das mais fáceis, porém foi fundamental no nosso processo de aclimação (processo de adaptação que o corpo necessita para se ajustar, gradativamente, com a baixa pressão atmosférica e conseqüentemente, com o ar rarefeito).

**Terra de humor inconstante** - O Equador é um pequeno país no noroeste da América do Sul, espremido entre o Peru e a Colômbia e cortado pela mais extensa cadeia de montanhas do mundo, os Andes. Nessa região, porém, a Cordilheira se divide em duas, denominadas de Cordilheira Oriental e Ocidental. Entremeadas por um longo vale e margeadas por pequenos vilarejos indígenas, a região foi "batizada" pelo alemão Alexander von Humboldt, no século XIX, de "Avenida dos Vulcões". Expressão que define bem esse território salpicado de "gigantes" que se erguem soberanos e determinam a paisagem.

A cordilheira dos Andes, formada há milhares de anos pelas placas tectônicas permaenes, ainda hoje, em constante movimento e, não muito raro, faz a terra tremer, como em Ambato, cidade margeada pela rodovia Pan-americana e que na década de 50 foi totalmente destruída por um terremoto. Nesse território, existem cerca de 30 montanhas de origem vulcânica e muitos desses vulcões, que ainda permanecem ativos, já causaram centenas de mortes ao longo dos tempos. As histórias são muitas: a cidade de Latacunga já foi devastada duas vezes pela erupção do Cotopaxi. Em suas ruas, repousam milhares de pedras lançadas pelo vulcão a cerca de 80 km de distância. Algumas delas com mais de uma tonelada testemunham a dimensão da tragédia.

Desde 1738, ao todo, já foram registradas mais de 50 erupções no local, responsáveis por boa parte dos vales em torno da montanha, formados pela mistura de lama, magna e outros materiais expelidos durante as atividades vulcânicas.

O Tungurahua explodiu no ano passado e matou alguns habitantes locais. Cerca de 5 mil pessoas tiveram que deixar suas casas às pressas e muitos hectares de roça foram queimados pela lava. A cidade de Quito também já esteve algumas vezes coberta por cinzas vulcânicas. A capital é rodeada por picos intempestivos que ex-

Pis andreet laborti ssiis nullum vercinm accam  
zzrillup Pis andreet laborti ssiis nullum vercinm  
accam zzzrillapian, vel dit, sat, vel dit

## Em alerta

A riqueza natural e cultural da região encantam, mas os sinais de alerta devem ser soados, pois a paisagem marcante começa a se modificar. Com o aceleramento do aquecimento global, a beleza dos grandes nevados corre o risco de ser lembrada somente nos cartões-postais, pois o recuo dos glaciares já é notável. Pedro, funcionário de um pequeno hotel perto do Parque Nacional Cotopaxi, nos contou que as geleiras do vulcão, que deu nome ao parque, já recuaram bastante. Ele diz se lembrar que, há cerca de 20 anos, caminhava na neve encontrada a 200 metros abaixo do refúgio da montanha, construção de pedra a 4.800 metros de altitude, que dá guarida aos montanhistas. Hoje, só é possível atingir o campo de gelo após uma caminhada bem acima do abrigo.





pelem gases e vapores, como o Guagua Pichincha, a 20 km do centro histórico da cidade, que já deixou em alerta os 3 milhões de habitantes que presenciaram uma gigantesca nuvem de fumaça, há dez anos. A população, porém, já se acostumou com a natureza insustável e convive em harmonia nesse universo de humor inconstante.

**Entre os vales, cores, mitos e lendas.** - Apesar da força destruidora desses montes de natureza tórrida, os seus turbilhões de magma contribuem diretamente com a agricultura do país, sendo responsáveis pelo terreno extremamente fértil. Seus flancos são cobertos por plantações assimétricas e coloridas, que amenizam o insistente cinza do céu e compõem um mosaico vivo, como uma grande colcha de retalhos.

Além de trazer fertilidade para os solos, a natureza prodigiosa do país inspira o imaginário da população, composta, na sua maioria, por mestiços e indígenas. Descendentes diretos dos Incas, que presenciaram a ocupação espanhola, eles relatam com orgulho a resistência do antigo império e do general Rumiñahui, que apesar de derrotado, lutou bravamente contra os espanhóis e conseguiu esconder todo o ouro almejado pelos conquistadores. Dizem que, até os dias de hoje, o tesouro não foi encontrado. Rumiñahui, que significa Cara-de-Pedra em Quéchua, a língua dos Incas, hoje empresta o nome a outro vulcão perto da capital.

Cada nome traz uma história. A palavra Cotopaxi, herdada do antigo dialeto Inca vem da composição de duas palavras: "Coello de la Luna", ou "Garganta da Lua", nos explica Efraim. Em uma época do ano, a lua cheia nasce, vista de Quito, exatamente em cima do vulcão, justifica nosso condutor. Desmedidos, imponentes, temidos e belos, responsáveis por grandes tragédias, os vulcões realmente instigam nossa imaginação. Sua força excessiva e descomunal nos lembra o quanto somos pequenos diante da natureza.

**Recompensa** - Com as pernas castigadas após a subida, seguimos num jipe pela Pan-americana rumo ao barulhento centro ➤

## Planejamento é fundamental

Para aqueles que querem ascender o Chimborazo e o Cotopaxi, respectivamente as montanhas mais altas do Equador, também é imprescindível um planejamento antecipado e, no mínimo, uma semana de caminhadas acima dos 4.000 m para se acostumar com a falta de ar.

Eu planejei a viagem e programei uma série de caminhadas e ascensões, para a aclimação, antes da empreitada.

Na preparação foram:

**Pasochoa:** 4.200 m

**Rucupichincha:** 4.650 m

**Illiniza Norte:** 5.000 m

**Laguna Quillocha:** 4.200 m

Subimos o Cotopaxi no 5º dia que estávamos no Equador, no entanto, desistimos por ficar mais tempo para uma melhor aclimação. Foi bem sofrida a subida, pois em 5 dias estávamos a quase 6000 m de altitude. O mais seguro é esperar de 7 a 10 dias caminhando na altitude para uma melhor adaptação do organismo. Um bom condicionamento físico ajuda muito.

Pis endreet loborti ssis nullum  
vercinit accum zrrilluptat, vel dit



de Quito, sedentos por um bom banho quente. Ainda cansados, avistávamos de um ângulo contemplativo os vulcões Cotopaxi, Cayambe e Antisana, que estavam parcialmente encobertos, compondo a cena da “Avenida dos Vulcões”. Imaginávamos, que, se todos resolvessem explodir ao mesmo tempo, o estrago que causariam, mas, estavam ali serenos, inertes e misteriosos. Como disse Guimarães Rosa: com “o silêncio das coisas nos seus lugares”.



Pis endreet loborti ssis nullum  
vercinit accum zrrilluptat, vel dit

### RUMO AO VULCÃO

Não existem vôos diretos para Quito. No entanto, a Companhia Taca faz o trecho com escala em Lima. A passagem custa cerca de US\$900,00.

O Equador é um país relativamente barato. A moeda é o dólar americano, mas é possível comer bem gastando menos de US\$5,00 por refeição.

Hospedagens simples, mas confortáveis, custam em média US\$10,00 em hotéis de categoria 2 e 3 estrelas. O Hotel Magestic é uma boa opção ([www.majesticquito.com](http://www.majesticquito.com)) e fica perto do centro onde se encontram a maioria das agências.

Os preços para quem quer ascender os vulcões variam de acordo com a agência e a época do ano. Com uma certa negociação, é possível subir o Cotopaxi ou o Chimborazo por US\$180,00 incluindo refeições, transporte, equipamentos e guia. A agência Yanasasha possui um seleto grupo de guias credenciados - [www.mountainyanasacha.com](http://www.mountainyanasacha.com) -, o que é fundamental para a segurança e o sucesso da empreitada.

O Equador é um país extremamente úmido, sem as estações do ano bem definidas. A temporada de junho a agosto é considerada a melhor época para o montanhismo, no entanto, sobe-se os nevados o ano todo. Não é raro, porém, o tempo fechar por um longo período impossibilitando as ascensões.